

SANTA MISSA E ORDENAÇÃO SACERDOTAL HOMILIA DO SANTO PADRE

Suhrawardy Udyan Park (Daca, sexta-feira, 1º de dezembro de 2017)



Irmãos caríssimos!

No momento em que estes nossos filhos, que são familiares e amigos vossos, vão entrar na Ordem dos presbíteros, ponderai com atenção o grau do ministério a que eles são elevados.

É certo que todo o povo santo de Deus se torna, em Cristo, um sacerdócio real. No entanto, o nosso grande Sacerdote, Jesus Cristo, escolheu alguns discípulos para desempenharem na Igreja, em seu nome, o ministério sacerdotal em favor dos homens. Enviado pelo Pai, Ele mesmo enviou

os Apóstolos por todo o mundo a fim de continuar, por meio deles e dos Bispos que lhes haviam de suceder, a sua missão de Mestre, Sacerdote e Pastor. Ora os presbíteros são constituídos cooperadores dos Bispos e, associados a eles na missão sacerdotal, são chamados ao serviço do povo de Deus.

Estes irmãos, depois de séria e prolongada reflexão, vão ser ordenados para o sacerdócio na Ordem dos presbíteros, para servirem a Cristo, Mestre, Sacerdote e Pastor, por cujo ministério o seu Corpo, que é a Igreja, cresce e se edifica como templo santo e povo de Deus.

Vós, queridos filhos, que ides entrar na Ordem dos presbíteros, exercereis, no que vos compete, o sagrado múnus de ensinar em nome de Cristo, nosso Mestre. Distribuí a todos a palavra de Deus que vós mesmos recebestes com alegria. Meditando na lei do Senhor, procurai crer o que ledes, ensinar o que credes e viver o que ensinais.

Seja o vosso ensino alimento para o povo de Deus, e o vosso viver motivo de alegria para os fiéis de Cristo, para edificardes, pela palavra e pelo exemplo, a casa que é a Igreja de Deus.

Exercereis também, em Cristo, o múnus de santificar. Pelo vosso ministério se realiza plenamente o sacrifício espiritual dos fiéis, unido ao sacrifício de Cristo, que, juntamente com eles, é oferecido pelas vossas mãos sobre o altar, de modo sacramental, na celebração dos santos mistérios. Tomai, pois, consciência do que fazeis, imitai o que realizais. Celebrando o mistério da morte e da ressurreição do Senhor, esforçai-vos por fazer morrer em vós todo o mal e por caminhar na vida nova.

Ao fazer entrar os homens no povo de Deus pelo Batismo, ao perdoar os pecados em nome de Cristo e da Igreja no sacramento da Penitência, ao aliviar os enfermos com o óleo santo, ao celebrar os ritos sagrados, ao oferecer, nas horas do dia, o louvor com ações de graças e súplicas, não só pelo povo de Deus mas também por todo o mundo, lembrai-vos de que fostes assumidos de entre os homens e postos ao serviço dos homens nas coisas que são de Deus. Realizai, pois, com verdadeira caridade e alegria constante, o ministério de Cristo Sacerdote, não procurando os vossos interesses, mas sim os de Jesus Cristo.

Finalmente, ao exercer, na parte que vos compete, o ministério de Cristo, Cabeça do Corpo da Igreja e Pastor do seu povo, procurai, filhos caríssimos, unidos e atentos ao Bispo, congregar os fiéis numa só família, a fim de poderdes conduzi-los a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo. Trazei sempre diante de vós o exemplo do Bom Pastor que veio não para ser servido mas para servir e para buscar e salvar o que estava perdido.

Agora quero dirigir-me a vós, queridos irmãos e irmãs que viestes a esta festa, a esta grande festa de Deus que é a Ordenação destes irmãos sacerdotes. Sei que muitos de vós vieram de longe, precisando de viajar mais de dois dias. Obrigado pela vossa generosidade! Isto mostra o amor que tendes pela Igreja; isto mostra o amor que tendes por Jesus Cristo. Muito obrigado! Muito obrigado pela vossa generosidade, muito obrigado pela vossa fidelidade. Continuai a caminhar, com o espírito das Bem-aventuranças. E recomendo-vos, especialmente hoje vos



recomendo que rezeis sempre pelos vossos sacerdotes, especialmente por aqueles que hoje vão receber o sacramento das Sacras Ordens. O povo de Deus apoia os sacerdotes com a oração. Tendes a responsabilidade de apoiar os sacerdotes. Alguém de vós poderia perguntar-me: «Mas, padre, como se faz para apoiar um sacerdote?» Deixai-vos guiar pela vossa generosidade. O coração generoso que tendes, dir-vos-á como apoiar os sacerdotes. Mas o primeiro apoio ao sacerdote é a oração. O povo de Deus – isto é, todos, todos – apoia o sacerdote com a oração. Nunca vos canseis de rezar pelos vossos sacerdotes. Eu sei que o fareis. Muito obrigado! E agora vamos continuar o rito da Ordenação destes diáconos, que serão os vossos sacerdotes. Obrigado.

ENCONTRO COM OS BISPOS DE BANGLADESH

Casa dos Sacerdotes Idosos (Dacar, sexta-feira, 1º de dezembro de 2017)

Palavras (improvisadas) do Santo Padre antes de entrar na Catedral **Discurso do Santo Padre**

Palavras (improvisadas) do Santo Padre antes de entrar na Catedral

Boa tarde!

Agradeço a presença de todos vós, líderes cristãos, leigos que trabalhais na construção do Reino de Deus. Quando me disseram para vos saudar, veio-me à mente uma palavra que quero partilhar convosco e que o apóstolo Paulo dizia sentir dentro de si: «Ai de mim, se não evangelizar!»



Creemos que o Evangelho se vive como uma graça, como um tesouro que recebemos gratuitamente. Devemos pedir ao Senhor que nos dê a graça de sentir o mesmo que Paulo: sentir aquele fogo, sentir no coração aquela ânsia de evangelizar. Não se trata de proselitismo; isso não. A Igreja, Reino de Deus, não cresce com proselitismo, cresce com o testemunho. Trata-se de mostrar com a palavra e a vida o tesouro que nos foi dado. Isto é evangelizar. Eu vivo assim, vivo esta palavra, e que os outros vejam; mas não é

fazer proselitismo.

Agradeço o que fazeis, agradeço o vosso compromisso, agradeço por mostrardes o presente que Deus nos deu.

Atrevo-me a pedir-vos um favor: guardai o tesouro que Deus nos deu no Evangelho. E a melhor maneira para o conseguirdes é a graça de Deus. Por isso vos peço: rezai muito, rezai muito para receberdes a graça de cuidar daquele tesouro.

Continuemos a caminhar, fazendo ver este tesouro que Deus nos deu gratuitamente e que, gratuitamente, devemos oferecer aos outros. Agora como irmãos, todos juntos, peçamos uns para os outros esta graça, rezando a oração que Jesus nos ensinou.

[Pai Nosso]

Que o Senhor vos abençoe e proteja. Faça brilhar o seu rosto sobre vós e vos mostre a sua graça. Que Ele vos mostre o seu rosto e vos dê a sua graça. Amen.

Não vos esqueçais de rezar por mim.

DISCURSO DO SANTO PADRE

Eminência,

Amados Irmãos no Episcopado!

Como é bom podermos estar juntos! Agradeço ao Cardeal Patrick [D'Rozario] as palavras de exórdio com que apresentou as mais variadas atividades espirituais e pastorais da Igreja no Bangladesh. Agradou-me de modo particular a sua referência ao clarividente Plano Pastoral de 1985, que pôs em evidência os princípios evangélicos e as prioridades que guiaram a vida e a missão da comunidade eclesial nesta jovem nação. A minha experiência pessoal de Aparecida,

onde se lançou a Missão Continental na América do Sul, convenceu-me da fecundidade de tais planos, que envolvem todo o povo de Deus num processo contínuo de discernimento e ação.

Gosto também da duração deste plano pastoral, porque uma das doenças dos planos pastorais é que morrem jovens. Mas este está vivo desde 1985: Parabéns! Bom sucesso! Vê-se que foi bem feito, reflete a realidade do país e as necessidades pastorais; e reflete também a perseverança dos bispos.

No coração do Plano Pastoral, esteve a realidade da *comunhão*, que continua a inspirar o zelo missionário que caracteriza a Igreja no Bangladesh. A vossa própria guia episcopal esteve tradicionalmente marcada pelo espírito de colegialidade e apoio mútuo. Isto é admirável! Este espírito de afeto colegial é compartilhado pelos vossos sacerdotes e, através deles, propagou-se pelas paróquias, pelas comunidades e pelos multiformes serviços de apostolado das vossas Igrejas locais. Nas vossas dioceses, expressa-se na seriedade com que vos dedicais às visitas pastorais e demonstrais um real interesse pelo bem do vosso povo. Peço-vos para perseverardes neste *ministério de presença*. Quero destacar o que se quer dizer com isto: não significa apenas fazer-se ver – pode-se fazer ver através da TV -, mas é uma presença semelhante à de Deus em nós: uma presença que se fez vizinhança, que se fez proximidade na Encarnação do Verbo, na condescendência, a condescendência do Pai que enviou o Filho para Se fazer um de nós. Gosto de como cunhastes esta expressão: «ministério de presença». O bispo é alguém que está presente e está próximo. Sempre. Repito: perseverar neste ministério de presença, o único que pode estreitar laços de comunhão unindo-vos aos vossos sacerdotes, que são vossos irmãos, filhos e colaboradores na vinha do Senhor, e aos religiosos e religiosas que prestam uma contribuição fundamental para a vida católica neste país.

Gostaria de pôr em relevo a essência dos religiosos. Estamos acostumados a dizer: Sim, há dois caminhos de santificação na Igreja, ou seja, o caminho presbiteral e o caminho laical. Mas as Irmãzinhas, que são? Leigas? Não. Por favor, é preciso desenvolver a ideia de que há um terceiro caminho de santificação: o caminho da vida consagrada. E não se trata de um adjetivo – «este é um leigo consagrado, esta é uma leiga consagrada» – mas de um substantivo: «Este é um consagrado, esta é uma consagrada». Tal como dizemos: «Este é um leigo, ou esta é uma leiga», e «este é um sacerdote». Isto é importante.

Ao mesmo tempo, pedir-vos-ia para mostrardes uma proximidade ainda maior aos fiéis leigos. Eles têm de crescer. É preciso promover a sua real participação na vida das vossas Igrejas particulares, nomeadamente através das estruturas canónicas que asseguram que as suas vozes sejam ouvidas e as suas experiências apreciadas. Reconhecei e valorizai os carismas dos leigos, homens e mulheres, e encorajai-os a colocarem os seus dons ao serviço da Igreja e do conjunto da sociedade. Penso aqui nos numerosos e zelosos catequistas desta nação – os catequistas são os pilares da evangelização –, cujo apostolado é essencial para o crescimento da fé e para a formação cristã das novas gerações. São verdadeiros missionários e guias de oração, especialmente nas áreas mais remotas. Cuidai das suas necessidades espirituais e da sua constante formação na fé. Os catequistas. Mas também os leigos que nos ajudam e acompanham, os conselheiros: os conselheiros pastorais, os conselheiros nos assuntos económicos. Numa reunião que houve há seis meses, ouvi dizer que talvez pouco mais de metade das dioceses – metade ou pouco mais – teria os dois conselhos que o Direito Canónico nos pede para ter: o pastoral e o dos assuntos económicos. E a outra metade? Isso não pode ser. Não é questão apenas duma lei, não é só uma ajuda; é espaço para os leigos.

Nestes meses de preparação para a próxima assembleia do Sínodo dos Bispos, todos somos instados a pensar como tornar os nossos jovens mais participantes da alegria, verdade e beleza da nossa fé. O Bangladesh foi abençoado com vocações para o sacerdócio – vimo-lo hoje – e para a vida religiosa; é importante garantir que os candidatos sejam bem preparados para comunicar as



riquezas da fé aos outros, particularmente aos seus coetâneos. Num espírito de comunhão que une as gerações, ajudai-os a ocupar-se com alegria e entusiasmo do trabalho que outros começaram, sabendo que um dia serão eles próprios chamados a transmiti-lo. Esta disposição interior de receber a herança, fazê-la crescer e transmiti-la é o espírito apostólico de um presbitério. Que os jovens saibam que o mundo não começa com eles, que devem procurar as raízes, devem procurar as raízes históricas, religiosas... Fazer crescer aquelas raízes e transmitir os frutos. Ensinai os jovens a não ser desarraigados; ensinai-os a conversar com os idosos. Quando entrei aqui [na Casa Episcopal], encontrei os alunos do Seminário Médio. Devia ter-lhes feito duas perguntas, breves, mas fiz apenas uma. A primeira, a mais natural: «Jogais futebol?». Todos: «Sim!». A segunda era: «Ides visitar os avós, os sacerdotes anciãos? Para ouvir as histórias da sua vida, do seu apostolado?» Os formadores do Seminário devem educar os jovens seminaristas para ouvir os sacerdotes anciãos: ali estão as raízes, ali está a sabedoria da Igreja.

Na Igreja do Bangladesh, é notável a atividade social voltada para a assistência das famílias e, especificamente, o empenho na promoção das mulheres. O povo desta nação é conhecido pelo seu amor à família, pelo seu sentido de hospitalidade, pelo respeito que demonstra para com os pais e os avós e os cuidados que reserva aos idosos, aos doentes e aos mais inermes. Estes valores são confirmados e sublimados pelo Evangelho de Jesus Cristo. Uma expressão de especial gratidão é devida a todos aqueles que trabalham, silenciosamente, por apoiar as famílias cristãs na sua missão de dar testemunho diário do amor reconciliador do Senhor e tornar conhecido o seu poder de redenção. Como assinalou a Exortação *Ecclesia in Asia*, a família «não é simplesmente objeto dos cuidados pastorais da Igreja, mas um dos mais eficazes agentes da evangelização» (n.º 46).

Um objetivo significativo indicado no Plano Pastoral – intuição que se demonstrou verdadeiramente profética – é a opção pelos pobres. A Comunidade católica no Bangladesh pode orgulhar-se da sua história de serviço aos pobres, especialmente nas áreas mais remotas e nas comunidades tribais; continua diariamente este serviço através das suas obras de apostolado educacional, dos seus hospitais, clínicas e centros de saúde, e das obras socio-caritativas em toda a sua variedade. Contudo não cessam de aumentar, especialmente à luz da atual crise dos refugiados, as necessidades a colmar. A inspiração para as vossas obras de assistência aos necessitados deve ser sempre a caridade pastoral, que se mostra solícita no reconhecimento das feridas humanas procurando responder com generosidade a cada pessoa individualmente. Trabalhando por criar uma «cultura de misericórdia» (Carta ap. *Misericordia et misera*, 20), as vossas Igrejas locais demonstram – com este trabalho - a sua opção pelos pobres, reforçam a sua proclamação da misericórdia infinita do Pai e contribuem consideravelmente para o desenvolvimento integral da sua pátria.

Um momento importante da minha visita pastoral ao Bangladesh é a reunião inter-religiosa e ecuménica que terá lugar imediatamente depois deste nosso encontro. A vossa é uma nação onde a diversidade étnica reflete a diversidade das tradições religiosas. O esforço da Igreja por fazer avançar a compreensão inter-religiosa, através de seminários e programas didáticos e também por meio de contactos e convites pessoais, contribui para a difusão da boa vontade e da harmonia. Trabalhai incessantemente por construir pontes e promover o diálogo, porque estes esforços não só facilitam a comunicação entre diferentes grupos religiosos, mas despertam também as energias espirituais necessárias para a obra de construção da nação na unidade, na justiça e na paz.

Quando os líderes religiosos se pronunciam publicamente, a uma só voz, contra a violência revestida de religiosidade e procuram substituir a cultura do conflito pela cultura do encontro, inspiram-se nas raízes espirituais mais profundas das respetivas tradições. Prestam também um serviço inestimável ao futuro dos seus países e do nosso mundo, ensinando aos jovens o caminho da justiça: «é preciso acompanhar e fazer amadurecer gerações que, à lógica incendiária do mal, respondam com o crescimento paciente do bem» (*Discurso aos participantes na Conferência Internacional em prol da Paz*, Al-Azhar, Cairo, 28/IV/2017).

Queridos Irmãos Bispos, agradeço ao Senhor estes momentos de diálogo e partilha fraterna. Estou contente também por esta viagem apostólica, que me trouxe ao Bangladesh, me ter permitido testemunhar a vitalidade e o ardor missionário da Igreja nesta nação. Ao apresentar ao Senhor as alegrias e as dificuldades das vossas comunidades locais, peçamos juntos uma renovada efusão do Espírito Santo, para que nos conceda «a força para anunciar a novidade do Evangelho

com ousadia (*parresia*), em voz alta e em todo o tempo e lugar, mesmo contracorrente» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 259). Que os sacerdotes, as pessoas consagradas e os fiéis leigos confiados aos vossos cuidados pastorais possam experimentar uma força constantemente renovada nos seus esforços por serem «evangelizadores que anunciem a Boa Nova, não só com palavras mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus» (*Ibid.*, 259). Com grande afeto, concedo a todos vós a minha bênção e peço-vos, por favor, que rezeis por mim. Obrigado.

ENCONTRO INTER-RELIGIOSO E ECUMÊNICO EM PROL DA PAZ EM BANGLADESH

DISCURSO DO SANTO PADRE

Residência do Arcebispo (Ramna, Daca), sexta-feira, 1º de dezembro de 2017

Ilustres Convidados,



Queridos Amigos!

O nosso encontro, que reúne os representantes das diversas comunidades religiosas deste país, constitui um momento muito significativo da minha visita ao Bangladesh. Reunimo-nos para aprofundar a nossa amizade e para expressar o desejo comum de uma paz genuína e duradoura.

A minha gratidão ao Cardeal D'Rozario pelas suas amáveis palavras de boas-vindas e a quantos me acolheram calorosamente em nome das comunidades

muçulmana, hindu, budista cristã e também da sociedade civil. Agradeço ao Bispo anglicano de Daca a sua presença, às várias Comunidades cristãs e a todos aqueles que contribuíram para tornar possível este encontro.

As palavras que ouvimos e também os cânticos e danças que animaram a nossa assembleia falaram-nos eloquentemente do desejo de harmonia, fraternidade e paz encarnado nos ensinamentos das religiões do mundo. Que o nosso encontro desta tarde seja um sinal claro dos esforços empreendidos pelos líderes e seguidores das religiões presentes neste país para viverem juntos no respeito mútuo e na boa vontade. No Bangladesh, onde o direito à liberdade religiosa é um princípio fundamental, que este compromisso seja um apelo respeitoso, mas firme, a quem procura fomentar divisão, ódio e violência em nome da religião.

Constitui um sinal particularmente reconfortante dos nossos tempos o facto de os crentes e pessoas de boa vontade se sentirem cada vez mais chamados a cooperar na formação duma cultura do encontro, diálogo e colaboração ao serviço da família humana. Isto requer mais do que simples tolerância; estimula-nos a estender a mão ao outro numa atitude de mútua confiança e compreensão, para construir uma unidade que considere a diversidade, não como ameaça, mas como potencial fonte de enriquecimento e crescimento. Anima a exercitar-nos na abertura do coração, para ver os outros como um caminho e não como um obstáculo.

Permiti-me explorar, brevemente, algumas características essenciais desta «abertura do coração», que é a condição para uma cultura do encontro.

Em primeiro lugar, é *uma porta*. Não é uma teoria abstrata, mas uma experiência vivenciada. Permite-nos empreender, não um mero intercâmbio de ideias, mas um diálogo de vida. Requer boa vontade e acolhimento, mas não deve ser confundida com a indiferença ou a hesitação em expressar as nossas convicções mais profundas. Comprometer-se frutuosamente com o outro significa partilhar as nossas diferentes identidades religiosas e culturais, mas sempre com humildade, honestidade e respeito.

A abertura do coração é semelhante também a *uma escada* que alcança o Absoluto. Ao lembrar esta dimensão transcendente da nossa atividade, damos-nos conta da necessidade de purificar os nossos corações, para podermos ver todas as coisas na sua verdadeira perspectiva. Passo a passo, ir-se-á tornando mais clara a nossa visão e receberemos a força para perseverar no

compromisso de compreender e valorizar os outros e o seu ponto de vista. Assim, encontraremos a sabedoria e a força necessárias para estender a todos a mão da amizade.

A abertura do coração é também *um caminho*, que leva à busca de bondade, justiça e



solidariedade. Induz a procurar o bem do nosso próximo. Assim exortou São Paulo, na sua carta aos cristãos de Roma: «Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem» (12, 21). Trata-se de um sentimento que todos nós podemos imitar. A solicitude religiosa pelo bem do nosso próximo, que brota dum coração aberto, flui como um grande rio, irrigando as terras áridas e desertas do ódio, da corrupção, da pobreza e da violência que lesa imenso as

vidas humanas, divide as famílias e desfigura o dom da criação.

As várias comunidades religiosas do Bangladesh abraçaram de modo particular este caminho no compromisso pelo cuidado da terra, nossa casa comum, e na resposta aos desastres naturais que afligiram a nação nos últimos anos. Penso também na manifestação coletiva de pesar, oração e solidariedade que se seguiu ao trágico desabamento do *Rana Plaza*, que permanece gravado na mente de todos. Nestas expressões, vemos como o caminho da bondade leva à cooperação no serviço dos outros.

Um espírito de abertura, aceitação e cooperação entre os crentes não é simplesmente mais um contributo para uma cultura de harmonia e de paz; é o seu coração pulsante. Quanto necessita o nosso mundo que este coração bata com força, para contrastar o vírus da corrupção política, as ideologias religiosas destrutivas, a tentação de fechar os olhos às necessidades dos pobres, dos refugiados, das minorias perseguidas e dos mais vulneráveis! Quanta abertura é necessária para acolher as pessoas ao nosso redor, especialmente os jovens que às vezes se sentem sozinhos e confusos na busca do sentido da vida!

Queridos amigos, agradeço os vossos esforços por promover a cultura do encontro e rezo para que, com a demonstração do compromisso comum dos seguidores das religiões por discernir o bem e pô-lo em prática, possamos ajudar todos os crentes a crescerem na sabedoria e na santidade e a cooperarem para construir um mundo sempre mais humano, unido e pacífico.

Acolho-vos a todos vós no meu coração e agradeço mais uma vez o vosso acolhimento. Lembremo-nos uns dos outros, nas nossas orações.